

## NARRATIVAS PARA CURTAS – filmes da Gabriela Amaral Almeida

**ESTÁTUA** - Nas cenas iniciais vemos a mãe de Joana sistematicamente se arrumando para partir e deixa-la com a babá que está grávida de seis meses. Todas as ações da mãe reforçam a ideia de que a menina é criada com muita rigidez e disciplina, com pouco espaço para o afeto. Uma câmera que observa já aparece nesse momento dando a impressão de que a menina observa a mãe. Isso é reforçado na fala da mãe na cena seguinte: “Ela adora se esconder e espiar os outros”.

Nas cenas seguintes temos o uso constante dessa câmera que observa, através das portas, quinas e frestas da casa. Enquanto a babá está se acomodando na casa, vê a frieza desse lar no armário da cozinha com comidas industrializadas organizadas meticulosamente. Isso faz com que se sinta pena da menina. A babá se compadece da menina e tenta se aproximar dela, mas o comportamento estranho e possessivo de Joana passa a assustá-la e todo o contato com a menina gera medo e ansiedade.

No auge do seu desespero, a babá acredita que a menina matou seu bebê ao tocar sua barriga e decide ir embora. Mas a autoritária Joana a obriga a ficar e brincar de estátua, uma brincadeira que obriga a um dos participantes a ficar “congelado” enquanto o outro pode fazer o que quiser.

A atmosfera vai se tornando angustiante ao longo do filme. A tentativa da babá em se aproximar da menina logo vira uma preocupação em se proteger desse olho estranho que persegue e pode ferir.

**A MÃO QUE AFAGA** – Estela, operadora de telemarketing com uma enorme dificuldade de se comunicar com as pessoas e interagir com o próprio filho. Pode se resumir assim a protagonista do curta. Por falar com “mais de mil pessoas por semana” Estela se fecha em si mesma e não tem amigos, assim como seu filho, igualmente introspectivo e sem amigos. O resultado disso é uma festa de aniversário frustrada onde aparecem apenas duas convidadas e o “urso amoroso” contratado especialmente para animar a festa. As personagens estão inseridas nessa situação farsesca, deslocados, carentes de afeto.

A fotografia é escura, com muitas sombras. A direção de arte é propositalmente cafona, predominância das cores rosa e marrom, o figurino de Estela é pesado, sem forma, deixando-a feia, envelhecida e conseqüentemente mais fechada e triste. As personagens se relacionam por telefone e quando existe uma aproximação corporal a situação é tensa, os corpos estão duros, mal conseguem ficar um próximo ao outro. Estela e o Urso Amoroso trabalham sem mostrar seus rostos. Estela tenta um patético contato com o Urso e no final sentir o alívio de ser tocada pela luva que ela mesmo segura.

Relação entre os filmes:

De certa maneira os filmes falam de solidão e cada um deles mostra maneiras diferentes de se lidar com ela. Em “ESTÁTUA” a solidão da menina Joana a torna autoritária e possessiva a ponto de transformar sua babá em uma estátua para poder dispor dela como quiser. Em “A mão que afaga”, Estela é tão solitária que perdeu a capacidade de se comunicar com as pessoas e tão carente de afeto busca desesperadamente um toque que possa aplacar essa solidão.

A maternidade também surge nos dois filmes. Em “ESTÁTUA” a ansiedade gerada pela gravidez se transforma em medo através do contato da babá com a menina. O medo passa a ser tão grande que chega a paralisar (a brincadeira da estátua). Em “Mãos que afaga juntos”, a relação de Estela com o filho parece uma tentativa de aproximação, os dois querem estar juntos mas parece que existe uma barreira impedindo o vínculo afetivo.

Lígia Jalantonio Hsu